

1931
RAMADA CURTO

TEATRO

O DIABO EM CASA

PEÇA EM 3 ACTOS



TEATRO DE RAMADA CURTO

O DIABO EM CASA

PEÇA EM 3 ACTOS

Uf3702160

LISBOA
J. RODRIGUES & CA., EDITORES
186, Rua do Ouro, 188
1931

PERSONAGENS

DIABO	35 anos
GUILHERME DE FREITAS	45 anos
ANTONIO MELO	50 anos
DR. FORJAZ	58 anos
CORONEL BARRADAS	56 anos
CHICO SILVEIRA	28 anos
LUNG-CHÔ, indio, criado	60 anos
VICENTE, criado	60 anos
HELENA	30 anos
ELVIRA	28 anos
JULIA	25 anos
D. MARIANA	60 anos
MARIETA	18 anos
KULU, criada india	20 anos

PRIMEIRO ACTO

Um salão mobilado com elegancia e luxo ao gosto do encenador. Entradas á D. e E. nos dois planos. Todo o fundo envidraçado deita para o jardim, de grandes arvores. Scenário disposto com a maior perspectiva para poder ser iluminado a luzes diferentes. Detalhes essenciaes; a qualqur lado da scena um cacheirão de *bric-a-brac* peça de museu, com almofada de damasco por fundo. Um piano a três quartos á D. alta, coberto com colxas antigas. Dois radiadores electricos.

SCENA I

D. MARIANA, CORONEL BARRADAS, CHICO SILVEIRA, ELVIRA, FORJAZ, MELO E JULIA (*Ao levantar o pano a scena está ás escuras. As personagens são sombras. Só se vêem as brasas dos charutos e dos cigarros dos homens e só se ouvem as vozes*)

MARIANA

Ora, que seca! Estou farta de dizer que não se podem acender os dois radiadores ao mesmo tempo. É logo isto: funde-se o quadro.

CORONEL BARRADAS

Não tem graça nenhuma... Eu, embirro com a escuridão.

SILVEIRA

Então, o meu coronel tem medo das trevas?

CORONEL BARRADAS

Medo? Não sei o que isso é! O que eu sou é nervoso!

MARIANA

A culpa é da Elvira!...

ELVIRA

Ó tia, eu garanto-lhe que não acendi o outro radiador. Não sei porque foi isto...

FÔRJAZ

A sr.^a D. Julia já foi dar providencias...

ELVIRA

A luz não tarda... A Julia e o Vicente são uns grandes electricistas.

MELO

Em minha casa, de vez em quando, ficamos todos da mesma côr.

CORONEL BARRADAS

Não diga isso, homem! É enguiço!

SILVEIRA

(Baixo) O teu marido está com medo... *(Com voz soturna)* Uh! uh!

CORONEL BARRADAS

Olha a gracinha! Que estupidez... *(Risos)*

ELVIRA

(Baixa) Deixa-me... Não sejas atrevido...

SILVEIRA

Adoro-te...

FORJAZ

Eu acendo um fosforo... *(Executa)*

ELVIRA

(Gritando) Então! Aviem-se com isso... Dêem-nos luz...

JULIA

(De fora de scena) Já vai... Um pouco de paciência... Desliga o radiador, Elvira...

ELVIRA

Está desligado...

JULIA

Atenção!... Eu aviso — como se devia fazer nos cinemas... *(O fosforo apaga-se)*

ELVIRA

(Abafada) Está quieto...

SILVEIRA

Amor!...

JULIA

(Dentro) Uma, duas... É agora... Três!... *(A luz volta, ao lustre, aos candeeiros e jarras luminosas)*

TODOS

Bravo!... Ah!... Até que enfim!

SCENA II

OS MESMOS (*D. Mariana, faz crochet sentada num «maple». Coronel Barradas, desembargador Forjaz, Antonio Melo, estão em torno duma mesa de jogo jogando o solo, Elvira está sentada no banco do piano, Chico Silveira junto dela, Helena isolada à D. B., está deitada num divan junto dum candieiro de pé, com um livro esquecido no regaço;*
JULIA *entra ao fundo*)

JULIA

(*Entrando ao fundo*) Pronto! Como nas mágicas... A fada da electricidade!... Não demorei nada.

MARIANA

O bastante para me cairem uma porção de malhas.

FORJAZ

(*A Julia*) V. Ex.^a é dotada duma grande habilidade manual.

JULIA

(*Ironica*) Pois sou! P'ra concertar um fusivel

não ha outra. Se alguma vez lhe faltar a luz no tribunal é só mandar-me chamar...

FORJAZ

(*Conceituoso*) Os tribunais superiores têm normalmente as suas sessões de dia.

CORONEL BARRADAS

Então, vamos lá a isto!... Eu já falei...

MELO

Como?

CORONEL BARRADAS

Bólo...

FORJAZ

Se me dá licença, prefiro... Em oiros.

MELO

Não tem furo?

FORJAZ

Vamos a vêr... É mão... Dê-me o ás de espadas...

MELO

Espadas é ali com o coronel...

JULIA

(*A Elvira*) Então não tocas?...

ELVIRA

Pode-se lá tocar com estes massadores a jogar... (*Indica os jogadores*) Deitavam-me o fogo.

JULIA

Por isso mesmo! Fazemo-los fugir para a saleta...

SILVEIRA

Apoiado... Os velhos com os velhos... Toque o «Viejo Coche» e vamos dançar, Julia!...

JULIA

(*Rindo*) Não, filho, não!... Dança com a Elvira... Eu não quero sarilhos com uma irmã... Para lhes ser agradável, o mais que posso fazer é tocar... Ou então pede a teu marido que deixe o jogo e vai dançar com ele...

ELVIRA

Estupida!... Vê lá não te caia um dente...

JULIA

(Indicando Helena) A dona da casa é que ninguém a arranca da leitura.

ELVIRA

(Ironica) Ó Helena!

HELENA

(Lendo sempre) O que é?

ELVIRA

Tu continuaste a ler quando se apagou a luz?

HELENA

Não... Não vejo ás escuras. Em compensação — tenho ouvidos de tísica. E conheço as vozes.

ELVIRA

Serio?...

HELENA

Ou talvez seja o eco das vozes das personagens deste livro que estou lendo...

ELVIRA

E que dizem essas personagens?...

HELENA

É em francês que falam... Queres que te traduza?

ELVIRA

Pois sim...

HELENA

«Deixa-me... Não sejas atrevido... Adoro-te... Está quieto... Amor... (*Elvira e Chico Silveira ficam varados*) São frases soltas que nada significam... Não são o mais interessante do livro...

JULIA

Que livro é esse?

HELENA

Um livro de viagens... Chama-se «O Deserto»... Enquanto a luz esteve apagada, vi, positi-

vamente vi, a interminável planície de areia, a infinita desolação, as miragens, o céu azul muito alto, cheio duma poeira de estrelas, a longa fila dos camelos, lenta e triste...

JULIA

Ah! Já sei... Isso é no Chiado, às cinco horas...

HELENA

Porquê?...

JULIA

Por causa da fila lenta e triste...

HELENA

Estás ironica... E no entanto tu gostas bem de passar no Chiado a essa hora.

JULIA

Explica-se... É a ver se encontro algum na fila que se decida a fazer a viagem da vida, comigo às costas...

HELENA

Dizem que dão mau conforto... Que se enjoa...

JULIA

É uma questão de habito... E sempre é melhor que andar a pé...

HELENA

(Sorrindo) P'ra quem não tem confiança nas pernas...

JULIA

Não é isso, filha... É p'ra quem não tem dinheiro p'rás meias... Cada par a setenta e cinco mil réis... Um disparate! Antes enjoar num camelo, desde que ele nos pague as meias e o calçado. *(Riem)*

MARIANA

Que estão vocês a rir?...

ELVIRA

Não é nada, minha querida tia... Coisas da Julia...

MARIANA

Ou tuas... Tu e a tua irmã são dois diabretes.

JULIA

(Indo a ela) Que adoram a sua velha tia...

ELVIRA

(Mesmo jogo) Exactamente... *(Abraçam-na)*

JULIA

Tu tens mais com quem te repartas... Vai adorar o teu marido, anda! *(Beija D. Mariana)*

ELVIRA

Egoista! *(Beija D. Mariana)*

JULIA

(Rindo) Vai-te... Tu já encontráste um na fila... E para mais coronel... Vai ter com ele..

ELVIRA

(Rindo) Tu és doida varrida!... Vê lá se ele percebe...

MARIANA

Na fila? Coronel?... Que queres tu dizer?

ELVIRA

Não é nada... São as asneiras da Julia... (*Levanta-se, vai á mesa do jogo, a Barradas*) Estão a empurrar-me p'ró pé do meu querido maridinho... E ele só pensa nas cartas e não me dá importância nenhuma...

CORONEL BARRADAS

(*Baboso*) Isto está a acabar, meu amor... (*Aos parceiros*) Os meus amigos desculpam-me, sim?

MELO

Ora essa!

FORJAZ

Não se constranja, meu querido amigo, não se constranja! O amor conjugal é um espectáculo edificante...

ELVIRA

Pois não é verdade?

FORJAZ

Tão edificante que eu, que já estou fóra dessas alegrias desde que enviuvei ha quinze anos,